

Serviço de vida ou morte: Análise da atividade de equipes de resgate a vítimas de acidentes de trânsito

Gilbert Cardoso Bouyer (USP) gilbert.bouyer@poli.usp.br
Laerte Idal Sznelwar (USP) laertes@usp.br
Maria José Birro Costa (UFMG) mjbirro@terra.com.br

Resumo

Esta pesquisa revelou que alguns meios para lidar com o sofrimento no trabalho envolvem a adoção consciente, pelo trabalhador, de certas técnicas voltadas para a sua própria interioridade. Diferem das estratégias coletivas de defesa, elucidadas pela psicodinâmica do trabalho, por envolverem construção consciente de sentido para experiências angustiantes e ansiedade; senso de valorização do sofrimento e das vivências dolorosas com vítimas agonizantes ou fatais; dessensibilização e busca de nova relação consigo mesmo no trabalho. São formas de subjetivação, dinamizadas na exterioridade dos indivíduos e re-elaboradas na interioridade mediadora do contato com o real do trabalho.

Palavras chave: Técnicas-de-si; Dessensibilização; Sofrimento.

1. Introdução

Em diversas situações, a qualidade de um serviço se manifesta na satisfação (subjetiva) de um cliente, nas reclamações ou elogios, na qualidade das *relações-de-uso* (ZARIFIAN, 1999) estabelecidas com os dispositivos empregados e/ou produtos.

No entanto, o presente trabalho investigou um tipo de serviço cuja “*qualidade*” pode determinar a vida ou a morte de um “cliente em especial”. Trata-se do trabalho de resgate às vítimas de acidentes de trânsito, realizado por resgatistas do corpo de bombeiros. Um resgatista é o profissional com formação em curso técnico de enfermagem (nível médio), que tem, como conjunto de atribuições, prestar os primeiros socorros e auxiliar no transporte de feridos ou mortos até os locais apropriados (hospitais, unidades de pronto-atendimento, centros de atendimento de urgência ou necrotérios).

O trabalho dos resgatistas consiste, segundo os critérios formais prescritos (tarefas), em prestar socorro rápido às vítimas, utilizando técnicas de primeiros socorros, sem discriminar os acidentados segundo o seu estado aparente.

Mas, para além dos critérios formais prescritivos de “*boa qualidade no serviço de vida ou morte*”, esta pesquisa buscou investigar, no trabalho real, quais são os verdadeiros critérios e técnicas, subjacentes aos aspectos objetivos e tangíveis das tarefas prescritas, que determinam a “*boa qualidade do serviço*” e, em alguns casos, conseqüentemente, vida ou morte das vítimas.

Neste projeto, as análises do trabalho conduziram ao contato com uma realidade imperceptível ao observador do senso comum, elucidando uma nova noção de técnica (*técnica-de-si*), dotada de dimensões psíquicas e afetivas orientadas pelo indivíduo para a sua própria subjetividade, conforme será explicado nas próximas páginas. Esta noção de técnica ainda é pouco ou nada explorada nas referências sobre atividades de serviços (qualidade, organização do trabalho, tecnologias, etc), embora já seja de domínio de várias correntes da psicologia, sociologia e filosofia pós-estruturalistas.

2. Por uma outra noção de *técnica*: a subjetividade colocada a serviço

Para entender este conceito das “*técnicas de si*” verificadas como condição de eficácia na atividade de trabalho dos resgatistas, primeiramente, é preciso desmistificar o próprio conceito de técnica. Após isso, serão apresentados e discutidos os fundamentos teóricos destas *técnicas* que se dirigem às *interioridades* dos indivíduos, promovendo a re-elaboração das *subjetividades*. Tais fundamentos são verdadeiras construções epistemológicas realizadas pelas múltiplas disciplinas que adentraram no tema, com suas ramificações de desconstrução das categorias de sujeito na filosofia e delimitação de uma genealogia do sujeito moderno e das formas modernas de subjetivação apoiadas no pós-estruturalismo e nas ciências hermenêuticas. Mais recentemente, com os trabalhos de Lacan e Foucault, a psicanálise veio beber nas fontes das “*técnicas de si*”, assim como vertentes da psicologia social e da psicossociologia. Portanto, desde a sua definição até suas implicações na clínica psicoterápica, a noção das técnicas de si foi sendo expurgada da visão reducionista e fisicalista que regia a noção de técnica em geral.

Segundo o pressuposto fisicalista, na análise das técnicas deve ser eliminada toda referência à interioridade, ou seja, os resíduos de uma metafísica indesejável. A técnica é, então, entendida como filiada apenas ao domínio das ciências da natureza e das ciências exatas aplicadas.

Entretanto, quando a base epistemológica da antropologia propõe uma re-conceituação do estudo das técnicas (tecnologia), este surge como uma *ciência humana das técnicas*. Isso descarta a visão restritiva que considera técnica como sinônimo do emprego de dispositivos maquinais.

Sob a antropologia, a tecnologia não pode ser separada do homem que age na técnica e, assim, num “giro de 180^o”, pertence, sim, ao campo das ciências humanas. Pois é sobre o real que a técnica, qualquer que seja, incide enquanto ato situado numa cultura e fruto de uma história na sociedade.

A técnica é um *ato tradicional eficaz* (MAUSS, 1934), o que descarta a exigência da presença dos dispositivos maquinais. O ato técnico supõe um manejo que é próprio do corpo e da mente de quem age. E a tecnologia não se refere aos objetos técnicos, mas sim à história das condutas e habilidades humanas (MAUSS, op. cit.; HAUDRICOURT, 1987; BÖHLE & MILKAU, 1991). Traz à tona, assim, tanto uma crítica da racionalidade dos conceitos de técnica e de tecnologia, quanto um novo conceito, o de *atividade subjetivante* (BÖHLE & MILKAU, op. cit.), no qual a exigência objetiva da atividade e o processo subjetivo se equilibram um sobre o outro.

Integrar essa abordagem de tecnologia ao ato que envolve interioridade do sujeito remete-nos a uma genealogia do sujeito moderno (DREYFUS & RABINOW, 1995). Isso parece indispensável à compreensão do “serviço” prestado pelos resgatistas do corpo de bombeiros no socorro às vítimas de acidentes de trânsito. Salvar uma vida, conforme constatado nas análises realizadas, requer mobilizar um conjunto de técnicas que dizem respeito à interioridade/subjetividade do trabalhador e permitem-no orientar a sua atividade, objetivamente, de forma a prestar um “serviço” de cuja “qualidade” (e/ou eficácia) depende a sobrevivência da vítima, em determinadas situações.

As *técnicas de si* possuem um contorno teórico próprio, que as distinguem de certas proposições de Habermas (1984). É possível distinguir três tipos principais de técnicas, segundo Habermas (op cit), e apontadas por Foucault (1981): As técnicas que permitem produzir e transformar as coisas; as técnicas que permitem utilizar sistemas de signos e, por último, as técnicas que permitem determinar as condutas dos indivíduos e estabelecer certas

finalidades ou objetivos. São, portanto: As técnicas de produção; as técnicas de significação / comunicação; as técnicas de dominação, respectivamente.

Foucault (1981) propõe, então, um quarto tipo de técnicas, não abordadas por Habermas em sua extensa obra, mas presente em todas as sociedades (e o extenso trabalho do Foucault historiador-filósofo, para além da hermenêutica e do estruturalismo, o permitiu afirmar isso):

“Fui me dando conta, pouco a pouco, de que existe, em todas as sociedades, um outro tipo de técnicas: aquelas que permitem, aos indivíduos, realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural. Chamamos essas técnicas de técnicas de si” (FOUCAULT, 1981, grifo nosso).

A genealogia do sujeito, conforme proposta de Foucault (op cit), deve analisar não apenas as técnicas de dominação mas também as *técnicas de si* e a interação entre umas e outras.

Pode-se falar do estudo das constituições do sujeito e da subjetividade como focos das observações de *si*, das análises de *si*, focos de uma busca intensa por compreensão e interpretação de *si* (bastante apoiadas pela hermenêutica ou, melhor dizendo, pela “*hermenêutica do sujeito moderno*”): Ou seja, como se dão os procedimentos pelos quais o sujeito é levado a

“se observar, se analisar, se decifrar e se reconhecer como campo de saber possível. Trata-se, em suma, da história da subjetividade, se entendermos essa palavra como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (MOTTA, 2004).

Ou, conforme afirma Birman (2000:80), a formulação da *tecnologia de si* significa que a subjetividade não é nem um dado nem um ponto de partida, mas algo que é produzido. É o ponto de chegada de um processo complexo.

Pode-se, então, falar da subjetividade no plural: subjetividades, uma vez que são produzidas por tecnologias (no plural) de produção de *si mesmo*. Portanto, usar o termo “*formas de subjetivação*” é afirmar que existe uma dimensão de produção do sujeito, resultante de:

“um longo e tortuoso processo de modelagem e remodelagem, historicamente regulado. Isso implica dizer que não existiria o sujeito, rigorosamente falando, mas apenas as formas de subjetivação. Engendradas por certas tecnologias de si, as formas de subjetivação revelariam então a inconsistência ontológica do sujeito que estaria aqui em pauta” (BIRMAN, op cit: 81).

Tem-se, então, o enunciado das subjetividades como formas de subjetivação.

O que está sendo dito, então, é que a subjetividade é produzida pelas *técnicas de si* conforme a determinação dessas formas de subjetivação. A subjetividade passa a ser concebida como interioridade e consciência de si.

O projeto foucaultiano consistiu, assim, na desconstrução das categorias de sujeito e de verdade, agora substituídas pelas categorias de *formas de subjetivação* e de *técnicas de si*.

Subjetividade é, então, resultado de algo produzido.

No trabalho de resgate a vítimas de acidentes de trânsito, não se pode falar da atividade, ou dos aspectos objetivos dos atos mobilizados numa ação de socorro, sem que se faça referência à subjetividade do trabalhador que age sobre um corpo estendido no asfalto, muitas vezes

oscilante entre a vida e a morte. Sua eficácia no trato com o outro depende, antes de tudo, do amadurecimento de *técnicas* de contato *consigo* mesmo que, sobremaneira, permitem neutralizar a morbidez psíquica do sofrimento, latente numa atividade que expõe o indivíduo à dimensão do trágico. Não se pode, também, tentar distinguir critérios de eficácia neste “serviço” sem que se considere a competência mobilizada na atividade, intimamente atrelada ao exercício dessas habilidades já amadurecidas pelas *técnicas de si* anteriormente discutidas.

Nesse aspecto, o novo conceito ora elucidado na própria atividade de trabalho, denominado “*dessensibilização*”, revela a importância do processo de subjetivação no trabalho, resultante das técnicas de si, para eficácia e qualidade do serviço prestado. Pesquisadores envolvidos neste mesmo programa de pesquisa, investigando outros tipos de serviços que também envolvem, enquanto promotores do intercâmbio direto de subjetividades na ação, as *atividades subjetivantes* (BÖHLE & MILKAU, 1991), têm verificado a presença do mesmo fenômeno subjetivo da “*dessensibilização*” ora abordado. Isso ocorreu no caso das análises do trabalho feitas com os professores de instituições privadas de ensino superior e, também, no caso dos auxiliares de enfermagem lotados em um hospital universitário (estudos ainda em estágio desenvolvimento, por este mesmo programa de pesquisa). Em cada um destes casos, até o momento, foi constatado que o fragmento do processo de subjetivação disparado pelo trabalho, denominado por “*dessensibilização*”, fruto de mecanismos de adaptação às componentes de morbidez das tarefas, é o elemento que viabiliza a ação, inclusive como condição de eficácia, permitindo lidar com o sofrimento e o stress inerentes à atividade de trabalho.

O fenômeno da *dessensibilização* é o resultado dos “*processos de subjetivação*”, exteriores aos indivíduos, determinados pelo seu ambiente de trabalho (incluindo a organização do trabalho). Optou-se, portanto, por focar estes processos de subjetivação que determinam os modos de vivenciar o sofrimento na atividade. Esse tipo de “*codificação da interioridade*”, conforme descrito por Deleuze (1986), ou produção de subjetividades, com todos os seus procedimentos de individualização e modulação, resulta de relações exteriores ao indivíduo, que o conduzem a sua própria identidade mediante *consciência e conhecimento de si*.

3. Metodologia

Os métodos de entrevista empregados aproximam-se da *observação participante* (BECKER, 1997). Inicialmente, foram utilizados, também, questionários visando uma *observação estruturada* (LAVILLE & DIONNE, 1999) que buscou consolidar dados bastante objetivos, como grau de instrução dos observados, sexo, idade, naturalidade, renda mensal, condições de moradia e situação familiar.

As entrevistas não-estruturadas, segundo o modelo de observação participante (BECKER, op cit), tiveram o objetivo de elucidar as razões e motivos das ações dos resgatistas.

De acordo com a *Análise Ergonômica do Trabalho /AET* (WISNER, 1987, 1994), o discurso dos trabalhadores a respeito da atividade de trabalho deve ser mediado pelos traços objetivos da própria atividade. Sendo uma grande parte da atividade regulada de forma subconsciente, unicamente a observação exterior e sistemática das ações visíveis não possibilita um acesso à consciência dos trabalhadores e às suas estratégias mentais. Assim, a AET veio a contribuir de modo a fornecer um contorno mais nítido e objetivo para as verbalizações dos resgatistas incitadas pelos métodos familiares à psicossociologia do trabalho.

Técnicas da psicossociologia, que permitem dar espaço amplo ao discurso dos trabalhadores, foram empregadas nas sessões realizadas com pequenos grupos de dois ou três resgatistas, simultaneamente entrevistados (ENRIQUEZ, 1995).

A maior parte das questões, nas fases posteriores às grandes discussões (inspiradas por técnicas de incitação do discurso oriundas da psicossociologia (ENRIQUEZ, op cit)) , foi formulada de forma contextualizada (WISNER, 1987), referindo-se a *situações concretas* (WISNER, 1994) que haviam ocorrido momentos antes, ou durante o desenrolar dos atos na atividade de trabalho. Procurou-se manter o verbo no presente, e remeter o sujeito ao seu próprio comportamento, de acordo com aquilo que fora observado. Questões do tipo “*o que você está fazendo na...*”; “*como você soube que...*”; “*quando é que você auxilia ... o que fez você decidir por esta intervenção...*” etc, foram largamente empregadas, conforme métodos propostos por Wisner (1987, 1994).

4. Dados e Análises

Neste texto, define-se o termo “*dessensibilização*” como sendo o resultado de processos de “*subjetivação*” (MOTTA, 2004; DELEUZE, 1986) adaptativos às características de morbidez das tarefas, em que o sujeito é poupado das variações bruscas de estado emocional associadas aos eventos do seu ambiente de trabalho (contato com acidentes trágicos, com dilaceramentos de grande extensão nos tecidos do corpo da vítima; morte agonizante da vítima durante atendimento; decapitações; amputações; lesões de grande extensão em órgãos internos; manifestações de agonia, desespero e de grande dor manifestadas por algumas vítimas).

A dessensibilização resulta da vivência de várias situações eventuais pautadas pela dimensão do trágico anteriormente citadas.

É a vivência constante da experiência do trágico conduz o indivíduo à construção de um sentido, subjetivamente, para poder lidar com a angústia e o sofrimento provocados pela atividade de socorro às vítimas.

“A primeira vez que eu vi uma pessoa arrebentada no asfalto eu disse para mim mesmo que a vida não vale nada. Lutar, correr, educar os filhos para depois acabar assim, como barata que a gente pisa no banheiro de casa. Meu coração disparou, fiquei tonto, o estômago embrulhou na hora. Pensei nos meus filhos. Tive medo deles acabarem assim um dia ou me verem assim também [...] Hoje, ver essas coisas não me toca mais. Não sinto nada. Acho que fiquei calejado. Deus sabe o que faz. Há alguma explicação pra essa gente acabar assim” (RESGATISTA).

O senso de qualidade do serviço de socorro e o alcance da eficácia do salvamento são determinados pelo domínio das habilidades e técnicas de controle de si mesmo.

“Duro era ter que fazer o que tinha de ser feito (primeiros socorros) estando a gente mesmo em descontrole total. Fui medir uma pulsação uma vez e eu mesmo não sabia se era da vítima ou a minha, de tanto que meu coração batia e fazia até meus dedos pulsarem de nervoso. A única saída para continuar no trabalho era aprender a manter a calma, o controle”. (RESGATISTA).

O “bom” resgatista, para os colegas, é aquele que se tornou “*insensível*” (*dessensibilizado*) e que se mantêm sem grandes flutuações de estado interior (emocional), o que se reflete nos traços objetivos de seu comportamento (agilidade e destreza nos gestos; pausas para avaliação da situação seguidas de decisões firmes; fisionomia tranqüila indicada pela ausência de rubror, de sudorese e de tremores de membros superiores; domínio da fala e coordenação clara da linguagem verbal e do pensamento analítico em situações de tragédia).

“Eu tremia mais do que vara verde. Era um sufoco porque pra amarrar uma faixa custava uma eternidade até eu conseguir controlar minha própria tremedeira e suadeira. Teve uma psicóloga, que trabalhou com a gente, que ensinou a respirar, a

fazer uns exercícios de yoga antes de começar o dia. Não sei se ajudou, mas eu hoje não paro mais de respirar nos casos mais graves como acontecia antes, que eu ficava sem ar. Respiro fundo, isso é bom mesmo, mas também pego com Deus, e vamos com força total porque a vida tá nas nossas mãos” (RESGATISTA).

O último fragmento de verbalização, como inúmeros outros obtidos e analisados, indica que o sentido consciente que o próprio trabalhador elabora para o seu sofrimento relaciona-se diretamente ao conteúdo de sua atividade. Com suas “constrangidas”, também refletidas numa tomada de consciência dos estímulos que geram a experiência do sofrer, as componentes de angústia e sofrimento da atividade são percebidas e avaliadas pelo trabalhador. A ação é antecedida, permeada e sucedida por auto-afirmações (como nos próximos fragmentos de discurso...) orientadas para a própria interioridade e mediadas por um exercício de significação, conforme observado sistematicamente nas falas e em alguns atos exteriores.

Mais que essa tomada de consciência, os dados mostram que as reações adaptativas resultam da utilização, pelo trabalhador, de verdadeiras “estratégias” ou técnicas, ora denominadas “*técnicas de si*” (BIRMAN, 2000), que permitem lidar com os elementos mórbidos da atividade e da organização do trabalho numa dimensão consciente. “*Técnicas*” que se voltam para a subjetividade e, intencionalmente articuladas, permitem uma verdadeira construção de sentido para o sofrimento.

“ Aprender ficar na calma não foi fácil. Passei a ver que dó, remorso, pena me atrapalhavam porque eu estava com vontade de ser Deus para salvar e a gente não é Deus. O que me ajudou a ficar mais “light” com a desgraça foi não me revoltar mais contra Deus e pensar que tudo tem uma razão, um sentido. Na verdade, eu pus na minha cabeça que Deus sabe o que faz. Eu repetia isso todo dia, na hora de por o pé dentro da ambulância no início do turno” (RESGATISTA).

A subjetivação, então, se dá pelos meios que levam o resgatista a fazer a *experiência de si*, numa relação consigo mesmo. A subjetividade, portanto, não é um dado nem um ponto final, mas algo que é produzido nesse processo de subjetivação dentro da atividade. A própria noção de sujeito, aqui, surge unicamente no campo de referências do observador, pois nada mais é que um produto das formas de subjetivação do trabalho em um contexto de ação na tragédia.

Ou seja, a subjetividade é engendrada por relações que colocam o sujeito como resultado de um complexo processo, no qual o sofrimento é a força motriz que induz a essas relações com a dimensão da interioridade, dimensão de *si mesmo*.

Convidam a uma simbolização desta parcela do real denominada “sofrimento”, gerando uma significação para o que se começa a perceber na dimensão da interioridade. O “*outro*” que subjetiva é o sofrimento enquanto “*outro*”. O sofrimento é, portanto, uma “*forma de subjetivação*” por excelência, no mesmo nível que as relações de poder ou formas de “*sujeição*”. Subjetivação ou sujeição a forças externas; poder que age sobre o corpo e sofrimento que sujeita o “*espírito*” à experiência (de dor...) mais íntima, consigo mesmo, mediante simbolização do real, significação, construção de sentido.

“ Houve época que eu quis largar, mas minha esposa segurou a barra. Eu via sangue a noite toda e não conseguia dormir. Fui no médico e ele mandou tomar Rivotril de 2 mg e Davorin (fluoxetina, antidepressivo). Olhava para o meu corpo e pensava que ele é nada perto da força de um caminhão, de um carro e até de uma moto”. (RESGATISTA).

Percebe-se, nessa seqüência de interpretação (de natureza hermenêutica), que as “*técnicas de si*”, por sua vez, são algo que, efetivamente, subvertem ou conjuram o próprio sofrimento,

uma vez que, no prisma subjetivo do trabalhador, permitem lidar frente-a-frente com o real (sofrimento dele oriundo).

“O corpo tinha de ser de ferro. A gente tinha que ser de ferro. Mas, de tanto pensar bobagem, eu acabei foi jogando os remédios do médico na privada e falando f... para o corpo, f... para essa gente: Quem mandou ser imprudente no trânsito? Não fui eu. Do jeito que tava, eu tava era pirando e a imprudência de quem se arreventa é problema deles. Pro inferno, ...”(RESGATISTA).

Técnicas, portanto, de *produção de si*, no interior da experiência do sofrimento no trabalho. O *si* insensível, indiferente, vítreo em seu ostracismo emocional e afetivo, foi produzido com estas configurações típicas da *dessensibilização* (mecanismos de adaptação à atividade...), pela própria natureza da atividade trágica, como meio de se proteger do sofrimento associado à impotência de combate ao trágico.

Ou seja, mecanismos intencionais que articulam, na esfera da subjetividade (com a conotação de *interioridade, consciência de si*, segundo Birman (op cit)), no nível consciente, os próprios elementos do real geradores do sofrimento, ora convertidos em **instrumentos** de modificação do próprio sujeito, a ele próprio dirigidos e orientados pelas “*técnicas de si*”.

Subversão ou conjuração “interior” do sofrimento, aqui, aproxima-se daquilo que foi encontrado, nas investigações ora realizadas, para bem longe da proteção da consciência por mecanismos de defesa individuais e coletivos. Algo, sim, bem próximo de *técnicas* que permitem construir sentido para o sofrimento e buscar um senso de valorização dos elementos da atividade que o geram, com consciência plena disso.

“Por um lado é bom, porque a gente passa a ficar mais calmo, a não se agitar com coisas fortes, a entender melhor que a vida é aqui e agora, [...] a vida é um beijo que dou na minha mulher na hora que saio, é o almoço de domingo com a família. Isso é que é a vida da gente, porque a gente não é nada e pode se acabar a qualquer momento. O que fica é só isso e isso é que vale por tudo”. (RESGATISTA)

Ou seja, diante daqueles aspectos que não podem, de forma alguma, ser modificados pelo trabalho real, a subversão subjetiva ou conjuração do sofrimento ocorre conscientemente, intencionalmente e repleta de sentido para os indivíduos que sofrem.

“Sangue não vale nada, carne não vale nada, corpo não vale nada, cérebro não vale de nada porque no asfalto é tudo uma mesma meleca. O que fica é o amor que tenho pelos meus filhos, a alegria do sorriso de Marta (esposa). Quero que ela lembre só disso. Eu não quero que me veja no chão aos pedaços, porque ali não sou eu. Eu sou aquele que ria, brincava e que cobria as crianças na cama toda noite, mesmo com o calorão (risos...). Pensar assim foi o que me ajudou, porque quando vejo hoje uma pessoa naquele estado acabado... (refere-se genericamente às vítimas de acidentes trágicos) penso que ali não está nada além de restos do que era mesmo importante. O importante não está ali, por que o importante foi o de bom, o bem que ele fez pra esposa e pros filhos dele” (RESGATISTA).

Há uma tomada de consciência dos elementos causadores do sofrimento e uma mobilização de técnicas, voltadas para sua própria interioridade (*si*), que permitem construir sentido e senso de valor para o sofrer no trabalho. Isso é que permite continuar trabalhando. Algo, portanto, bem diferente dos mecanismos ou estratégias defensivas apontadas pelos estudos da psicodinâmica do trabalho.

“Quem quer ver e fazer isso que a gente faz? Mas a gente tem que ver algo de bom senão não agüenta. Eu consegui ver o que é a vida, e valorizar coisas que vivemos

todos os dias, no contato com um monte de gente morta que não pode mais viver nada disso” (RESGATISTA).

5 - Conclusões

Uma nova compreensão do sofrimento psíquico, então, emergiu da orientação dada aos trabalhos de pesquisa efetuados com as equipes de resgate. Observou-se, neste caso, que o sofrimento reflete-se na consciência do trabalhador, sendo percebido e interiorizado, gerando modificações no prisma de visão de mundo, refletidas inclusive na vida exterior ao trabalho.

Longe de encontrar mecanismos de defesa, surgiu, no horizonte das investigações, uma espécie de “subversão consciente” do sofrimento via “técnicas de si”. O sofrimento ora se apresenta em um novo contexto diferente daquele em que figuravam mecanismos inconscientes e coletivos de defesa do aparelho psíquico e de negação dos riscos da atividade. O que se constatou, por ora, foi um trabalhador dotado de percepção e de plena consciência das causas de seu sofrimento no trabalho e dos meios (técnicas) de adaptação à atividade.

Um contexto, portanto, de tomada de consciência plena e adoção intencional da atitude de subversão voltada para a própria interioridade (aqui, com a conotação de subjetividade, consciência de si...). A defesa do funcionamento psíquico surge, nesse contexto, pelo emprego dessas “técnicas” voltadas para si, destinadas também a uma construção de sentido. Trata-se, portanto, de uma real “*estratégia defensiva*”, bem consciente e individual, para aquilo que não há como ser mudado na realidade do trabalho concreto no asfalto.

6 – Referências

- BECKER, H.S. (1997) - *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.
- BIRMAN, J. (2000) - *Entre Cuidado e Saber de Si*; sobre Foucault e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BÖHLE, F. & MILKAU, B. (1991) - *Vom Handrad zum Bildschirm*. München: Institut für Sozialwissenschaftliche Forschung.
- DELEUZE, G. (1986) – *Foucault*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1995) - *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago.
- ENRIQUEZ, E. (1995) – La Psychosociologie au carrefour. *Revue Internationale de Psychosociologie*. Vol.1, n. 1.
- FOUCAULT, M. (1981) - Sexuality and Solitude. *London Review of Books*, vol. .3, n. 9.
- HABERMAS, J. (1984) - *The Theory of Communicative Action*; reason and rationalization on society. Boston: Beacon Press. (Vol. 1).
- HAUDRICOURT, A. G. (1987) - *La Technologie, Science Humaine*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme.
- LAVILLE, C., DIONNE, J. (1999). *A construção do saber*; manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MAUSS, M. (1934) - Les Techniques du Corps. In: *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1934. (365-388).
- MOTTA, M. B. (2004) - Apresentação. In.: MOTTA, M. B. (2004) - *Foucault: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Ditos & Escritos, 5).
- WISNER, A. (1987). *Por Dentro do trabalho*. São Paulo: Oboré.
- WISNER, A. (1994). *Situated Cognition and Action: Implications for Ergonomic Work Analysis and Anthropotechnology*. Paris: Laboratoire d’Ergonomie, CNAM.
- ZARIFIAN, P. (1999) - *Objectiv Compétence*. Paris: Liasons.